



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

**FÉ E POLÍTICA:
A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NO SERTÃO DA BAHIA**

Edileusa Santos Oliveira
(UESB)

Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro
(UESB)

RESUMO

Na década de 1970, o Concílio Vaticano II (1962-1965) examinou o problema das relações entre a Igreja e o Mundo Moderno. O Evangelho se encontrava diante de um desafio ainda inédito: inspirar a elaboração de um projeto histórico mais humano, visando superar o capitalismo e o marxismo. O resultado desse processo foi a teologia da libertação, movimento interno à Igreja Católica, que pretendia instaurar uma nova interpretação da mensagem evangélica, frente à injustiça social. Sua característica mais inovadora foi partir dos problemas políticos para a interpretação dos textos bíblicos. Através da pesquisa científica podemos analisar e apreender as experiências vividas socialmente e identificar alguma experiência prática de aplicação da proposta teológica em questão. Portanto, este é o objeto de estudo: Fé e Política: A Teologia da Libertação no Sertão da Bahia. Inicialmente, deverá ser analisada a práxis evangelizadora desenvolvida pela Igreja Católica no município de Caraíbas, entre os anos 1990 a 2000, traçando um paralelo comparativo com a pedagogia evangelizadora própria da Teologia da Libertação, certificando-se de que o método de trabalho utilizado por tal práxis segue realmente a orientação teológica em questão para, partindo daí, descobrir se a curto, médio e/ou longo prazo é possível identificar mudanças nas relações humanas e sociais existentes geográfica e historicamente. Posteriormente, pretende-se analisar as possíveis alterações (na estrutura do poder e do imaginário religioso) no espaço e tempo em questão. A Sociologia é uma ciência capaz de produzir uma compreensão mais realista da circunstância social do indivíduo. Para o estudo desse objeto, será aplicada a Pesquisa de Campo, a Pesquisa Documental e Bibliográfica. E, preferencialmente, o método de História Oral. As técnicas de Pesquisa Exploratória auxiliada pela Pesquisa Descritiva serão adotadas para o tratamento do objeto.

INTRODUÇÃO

O controle político exercido sobre a população no interior do Brasil é uma característica forte da nossa cultura, e se concretiza pela manipulação dos poderes legitimados e consuetudinários. Contudo, a reação popular também se fez presente nesse contexto. Prova disso é a organização de movimentos contestatórios, marcadamente presentes na história do Brasil.

Desde o Brasil Colônia, passando pelo Império e durante toda a República, poderiam ser citadas várias insurreições populares de diferentes caracteres e orientações teóricas, tanto no campo como na cidade (HOLANDA, 1995), muitas delas orientadas e inspiradas pelo sentimento de religiosidade católica.

O Vaticano teve e tem muitas linhas de pensamento que representam as diferentes interpretações da teologia, o que não faz surgir uma nova religião, mas faz com que o catolicismo seja entendido e vivido com originalidade nos diferentes tempos, espaços e grupos humanos.

Sabe-se, também, que a tradição católica no Brasil foi formada com a forte ajuda dos poderes repressivos tradicionais da sociedade portuguesa. Tinha-se um rígido controle da vida pública e privada, favorecendo a manutenção da ordem social, política e econômica vigente.

Contudo, o catolicismo vivido pelos pobres no Brasil, é distinto do catolicismo patriarcal, que se mostrou comprometido com o sistema e com as aspirações da elite (HOORNAERT, 1991).

Os termos Igreja Oficial e Catolicismo Popular serão utilizados no presente trabalho para diferenciar a Doutrina Católica que predominou e orientou a implantação do catolicismo no Brasil, da experiência vivida pelos pobres, que mesclaram os ensinamentos religiosos com seu cotidiano.

Historicamente, uma tendência teológica libertária já se manifestava em apoio ou solidariedade às populações excluídas, desde o período colonial, quando o sentimento humanitário influenciava as práticas evangélicas dos muitos

missionários que questionaram os maus tratos dispensados pela Igreja Oficial aos indígenas, aos negros, aos mestiços e a toda população pobre, do campo e da cidade (BOFF, 1986).

Durante as várias fases da República no Brasil, ainda que a Igreja Oficial declarasse seu apoio incondicional aos poderosos, permitindo que parcelas enormes da população fossem excluídas das condições básicas para a sobrevivência, vimos o sentimento religioso se libertar dos dogmas oficiais e se adaptar ao sentimento da população, como fonte de inspiração, para muitas de suas revoltas e insurreições populares, daquelas que buscavam vida digna. Muitos foram os confrontos entre Igreja Oficial e Religiosidade Popular, a exemplo de Canudos, Contestado, Padre Cícero de Juazeiro, provando que, à revelia das instituições licenciadas para os assuntos da fé, existe uma manifestação espontânea da religiosidade no cotidiano das pessoas.

Nos anos de ditadura militar, no Brasil, muitos religiosos foram perseguidos, acusados de serem “padres vermelhos”, comunistas, subversivos, por contestarem o regime político arbitrário instalado no país (BETTO, 1981). Foram perseguidos religiosos envolvidos nos mais variados movimentos de massa, religiosos que se debruçavam sobre um exaustivo exercício teórico, criando bases de sustentação para os trabalhos práticos, no intuito de demonstrar o sentido histórico do Cristianismo, fazendo reviver a fé como inspiração para a prática político-social (BEOZZO, 1980), mesmo que alguns setores da Igreja apoiassem e amenizassem as arbitrariedades do regime.

Na última década do século XX, no sertão da Bahia, mais precisamente município de Caraíbas, a Igreja Católica desenvolveu um trabalho inovador, cujas atividades pastorais seguiam a orientação de CEB's (Comunidades Eclesiais de Base) e eram inspiradas na Teologia da Libertação. Presenciar as suas programações possibilitou detectar ações político-sociais desenvolvidas paralelamente à evangelização, com a participação ativa da comunidade nas



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

discussões e nos trabalhos. Progressivamente, notou-se também uma mudança comportamental dos membros mais envolvidos, em relação a si e ao seu próximo e em relação ao poder local, no sentido de questionar e reivindicar e, conseqüentemente, aspirar à participação direta nesse poder.

Segundo a Teologia da Libertação, a junção entre as idéias que se têm de evangelização e de política pode despertar, na consciência dos indivíduos, a importância dos seus papéis como agentes - transformadores da história e, com isso, despertar a esperança de um projeto alternativo para a sociedade. Uma significativa parcela da comunidade católica de Caraíbas afirma ter vivenciado e estar vivenciando tal experiência.

Para confirmar a sentença e a afirmação acima mencionadas, é necessária uma análise da *práxis* evangelizadora católica desenvolvida nesse período, no município em questão, verificando se o método de trabalho evangélico desenvolvido aponta para uma experiência prática da proposta da Teologia da Libertação, e se, a curto, médio e/ou longo prazo, é possível detectar mudanças nas relações humanas e sociais existentes historicamente, estudando as possíveis alterações (na estrutura do poder e do imaginário religioso) entre os anos de 1990 a 2000.

Este recorte cronológico e espacial se justifica por, supostamente, nele ter-se vivenciado a proposta teológica a ser analisada, por ter sido palco de fortes enfrentamentos entre cristãos e poder local, e por apresentar uma gama de organizações sociais surgidas a partir dos trabalhos de evangelização.

Ademais, no presente projeto, pretende-se analisar a *práxis* evangelizadora católica, baseada na Teologia da Libertação, no município de Caraíbas, de 1990 a 2000. Para tanto, especificamente, objetiva-se estudar a história da relação entre evangelização e política na *práxis* da Igreja Católica, na América Latina e no Brasil; estudar a atuação da Igreja Católica de Caraíbas antes da presença da atual Congregação; identificar a relação entre a *práxis* evangelizadora e a proposta



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

trazida pela Teologia da Libertação, confirmando se a prática evangelizadora desenvolvida no município, pela Igreja Católica, era inspirada e se obedece fielmente à proposta teológica em questão; identificar e estudar os resultados obtidos com esse trabalho evangelizador, se eles comprovam a viabilidade metodológica da Teologia da Libertação; descobrir se a curto, médio e/ou longo prazo é possível detectar mudanças nas relações humanas e sociais existentes historicamente; estudar as possíveis alterações (na estrutura do poder e do imaginário religioso) no espaço onde as mudanças estão se processando, entre os anos de 1990 a 2000. Vale lembrar que algumas dessas ações já vêm sendo desenvolvidas.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo científico da sociedade vai além da simples *apreensão* dos fenômenos sociais através da *observação*. Segundo os seguidores de um dos mais notáveis entre os fundadores da Sociologia, Max Weber, tal estudo exige sua *compreensão* através da *participação*. Aquele que estuda a sociedade não está na mesma situação do investigador dos fenômenos naturais, que tem clara a distinção entre o sujeito e o objeto do conhecimento; no estudo da sociedade esta distinção nem sempre é evidente, pois o pesquisador é parte do objeto que ele estuda (VILA NOVA, 1985).

A concepção de “*Sociologia Compreensiva*” proposta por Weber admite a vantagem que tem a Sociologia de poder contar com a possibilidade de conhecimento a partir do próprio interior da realidade social, através da participação do observador, o que não significa dizer que a Sociologia estude os fenômenos sociais a partir de puras introspecções e, conseqüentemente, abdique do princípio da objetividade, característico da atividade científica. As ações sociais se diferenciam consideravelmente das ações físicas porque possuem significados



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

(WEBER, 2001). Compreendê-las será possível com a interpretação dos significados que os homens lhes atribuem.

Se uma das ocupações da sociologia é investigar os fatos observáveis das relações sociais, que apresentam alguma regularidade no seu modo de ser, deve-se lembrar que as relações sociais possuem uma dimensão simbólica, como destaca Leslie White (1968). Por esta razão, estudar as relações sociais implica compreender o que ocorre na mente das pessoas de modo intersubjetivo (SOUTO, 1974). Ao sociólogo não interessa se as explicações fornecidas pelas crenças coletivas correspondem ou não à realidade objetiva, posto que, falsas ou verdadeiras, as crenças são reais por estarem sedimentadas intersubjetivamente na sociedade (VILA NOVA, 1985). As relações sociais objetivas interessam tanto quanto a forma como elas são pensadas e percebidas pelos seus atores, pois estas são condicionadas por aquelas.

Um trabalho científico abrangendo qualquer tema social vinculado à religião deverá interpretar o código que permite entender a linguagem religiosa. Concordando com o fato de que as ciências humanas se interessam por algo mais que a descrição e explicação superficial do fato social visível, se elas se propõem a uma função pedagógica de levar os atores a dar, para si mesmos, contas do sentido último de sua própria conduta, é necessário que elas aceitem, também como sua, a tarefa de interpretação de sonhos, de hermenêutica, e elaborem um discurso não apenas dirigido aos círculos, mas dirigido aos próprios atores.

A questão hermenêutica está em descobrir a razão de o homem produzir a religião, acreditando-se que não se refere aos deuses, como quis alguns teólogos; nem às ilusões, como defendeu os empiristas. A religião se revela, principalmente, por meio de um discurso, portanto através da linguagem. Muitas interpretações teóricas da linguagem pressupõem que o sinal verbal tem uma relação direta e unívoca para com o objeto exterior, mas como os sentidos não podem ser comunicados diretamente, é comum que o discurso religioso não expresse



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

claramente sua essência, e que haja interpretações equivocadas. Sobre esse problema, é preciso estabelecer os códigos que devem ser usados para compreender a religião.

A história é mais que um conjunto de fatos brutos, ela é a arena onde a essência humana se expressa, e por isto os produtos da imaginação têm uma significação. A eficácia de uma explicação histórica acerca das ações impulsionadas por motivos religiosos, passa pelo reconhecimento da existência do simbólico no interior de toda realidade histórica.

Cada comunidade cria, em sua *práxis* total, em sua realidade sócio-histórica, seus significados e símbolos, sonhos e mistérios, instrumentos e relações, seus imaginários e limites de identidade e diferença que lhes são características. E é dentro de sua *práxis* específica que tudo isso tem coerência viva. Tudo tem significado vivo dentro do campo que gerou o próprio significado (POLLAK, 1992 e LE GOOF, 1996).

Nesse sentido, dentre outros métodos, torna-se salutar a escolha da metodologia a ser usada. Para compreender, recriar, apreender criticamente determinado presente, o método da História Oral constitui um meio eficaz. Esse método não é lógico, técnico ou mecânico, mas uma perspectiva subjetiva compatível com a subjetividade geral do ser social.

Na História Oral é superada a objetividade, pois se entende que o concreto não se resume ao visível desse concreto. Para Alberto Luis Caldas (1999), o ser que vivenciamos e conhecemos, que nunca é ser universal, mas histórica e socialmente determinado, é contradição coagulada, e só através dessa contradição é possível compreender o ser.

Para a realização da pesquisa estão sendo utilizados questionários que informem acerca do trabalho religioso desenvolvido no município antes e depois da década de 90; Entrevistas (nos diferentes grupos sociais) que possibilitem conhecer a opinião pública sobre a atuação da Igreja e os seus possíveis frutos;



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Relatórios sobre os acontecimentos que envolveram a atuação da Igreja nos diversos espaços sociais; Filmagens e fotografias que registrem esta atuação e/ou possibilitem alguma comparação entre a Igreja antes e depois da década de 90; Busca nos arquivos públicos e/ou particulares a fim de recolher informações sobre a tradição política-administrativa do município; Busca nos arquivos da Diocese e da Paróquia para recolher artigos, documentos e cartas de orientação sobre o trato das questões políticas e sociais; Busca de Gravações dos sermões proferidos durante os cultos, celebrações e demais participações públicas, para serem analisados e relacionados com os princípios da Teologia da Libertação, a fim de identificar possíveis semelhanças; Bibliografia específica que permita estabelecer comparações entre a teoria e a prática da Teologia da Libertação.

CONCLUSÕES

Na América Latina algumas estratégias baseadas na realidade local foram criadas para superar a situação de insatisfação popular. Os líderes de nossas insurreições, em grande parte, desconheciam o marxismo, mas tinham um projeto social ou, mesmo, a utopia de uma sociedade alternativa àquela vivenciada por eles. Neste continente essencialmente religioso, onde o cristianismo se instalou de forma violenta, mas se expandiu em fusão com as crenças nativas, o sincretismo deu origem a uma religiosidade popular que é marcante na cultura e formação do seu povo (RICHARD, 1984). A Teologia da Libertação une a espiritualidade e a racionalidade, e propõe uma evangelização e um projeto político inovador se comparados ao que foi proposto e executados nos primeiros anos da Igreja Católica no Brasil.

Neste momento não é possível apresentar qualquer conclusão. O presente trabalho está em andamento, já foram realizadas algumas leituras, alguns instrumentos já estão sendo construídos, os contatos para as primeiras entrevistas já foram feitos. Os dados, quando levantados, serão registrados através de textos e tabelas.

REFERÊNCIAS

- BETTO, F. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Vozes, 1981.
- BEOZZO, J. O. **História da Igreja no Brasil**. Ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BOFF, L., BOFF, C. **Como fazer teologia da libertação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CALDAS, A. L., **Oralidade, texto e história**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Exigências cristãs de uma ordem política**: XV Assembléia Geral da CNBB. 8. ed. Porto Alegre: Paulinas, 1980.
- HOLANDA, S. B de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOORNAERT, E. **Formação do catolicismo brasileiro (1550-1800)**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol 05, nº. 10, 1992.
- RICHARD, P. **Morte das cristandades e nascimento da Igreja na América Latina**. São Paulo, 1984.
- SOUTO, C. **Teoria sociológica geral**. Porto Alegre: Globo, 1974.
- VILA NOVA, S. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 1985.
- WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da Sociologia Compreensiva. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- WHITE, L. Os símbolos e o comportamento humano. In: CARDOSO, F. H. e IANNI, O. **Homem e sociedade**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1968, p. 182.